

(Re)significação da produção textual: um olhar reflexivo sobre a eficácia da comunicabilidade

Luciano Andrade Ribeiro¹

Resumo

Este artigo propõe discutir a configuração do novo leitor, sobretudo do ponto de vista educacional e de formação em comunicação social. A responsabilidade de transformar os discursos em mensagens compreensíveis e de alta comunicabilidade impõe ao escritor e ao leitor estratégias inovadoras de entendimento que os levarão a um alternativo grau de construção cognitiva.

Palavras-chave: comunicação, língua portuguesa, leitor, autor.

Abstract

This article considers to argue on the configuration of the new reader, over all of the educational formation and point of view in social communication. The responsibility to transform the speeches into understandable messages and of high communicability imposes to the writer and the reader innovative strategies of agreement that will take them to an alternative degree of cognitive construction.

Key words: communication, Portuguese language, reading, author.

A prática textual vive uma reformulação. Enunciam-se, hoje em dia, cada vez mais informações por meio de palavras escritas independentemente do suporte usado, seja ele jornal, revista, rádio, televisão ou internet. As publicações contemporâneas têm mais informação do que aquelas com as quais o indivíduo teve contato no século passado. E a internet compõe o cenário dessa realidade

¹Bacharel em Comunicação Social / Jornalismo pela PUC Minas, em 1998; especialista em Língua Portuguesa pela UEMG, em 1999; mestre em Engenharia de Produção / Mídia & Conhecimento pela UFSC, em 2002. Atualmente, leciona Redação Jornalística I e Estudos Interdisciplinares da Comunicação, no Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH), e coordena o curso de Comunicação Social na Universidade Salgado de Oliveira (Universo-BH).

como uma grande ferramenta de conexão de todo o acervo do que é pensado para ser dito.

Conviver com essa rotina informacional é tarefa complicada para os olhares contaminados pelo excesso. A formação escolar atual não oferece condições ao aprendiz de uma seleção digna de dados que o possibilite construir conhecimento com o que acaba de apreender. Diante de tal configuração, o aprendizado estabelece, como suporte, incomensuráveis estímulos informativos que, se não bem compreendidos e trabalhados, se tornam silêncio.

Mas seria um pensamento imaturo constatar que há culpabilidade nesse processo de leitura do mundo atual, sobretudo se a responsabilização recaísse sobre a internet. Hoje, graças ao pleno acesso às informações, pode-se saber muito mais do que antes. Porém a ausência do foco determinado pelo indivíduo impõe justamente a não-convergência para o que deve, realmente, ser visto. “É por esse motivo que a crítica às tecnologias não tem futuro de se posicionar teimosamente no terreno da desistência, do isolamento, do autofechamento” (MARCONDES FILHO, 2007, p. 2).

O mundo atual permite muito, menos o confinamento. Por esse motivo, socializar exige maior articulação do ser humano adulto que, há tempos, perdeu o olhar da criança que, geralmente, vê tudo como se fosse a primeira vez. É necessário refletir a produção escrita sobre a própria expressão do escritor sem deixar de levar em conta a expressão do leitor que não mais recebe passivamente a informação e, na maioria das vezes, é capaz de rebatê-la em um processo quase dialógico.

Os fluxos de informação e o tratamento automático dos dados estão para esse novo tempo em que vivemos como a urbanização, a mecanização do cotidiano, a prepotência do Estado e o irresistível ascenso dos meios de comunicação, entre tantos outros fatores, estiveram para a Modernidade (POLISTCHUK, 2003, p. 142).

Assim, relatar qualquer discurso atualmente requer que o emissor saiba que a comunicação social está desterritorializada e que, por isso, as essências

informativas deixaram de estar em um só lugar obrigando às narrativas uma busca de sentido próprio. Independentemente da plataforma de escrita, a tecnologia representa o papel de maestro de interpretações e, sobretudo, de elemento organizador da própria vida social de quem a usa.

Nesse sentido, a imagem², precursora da palavra, conjuga muito bem sua ação com a prática textual, já que a segunda só terá sentido estabelecido se a primeira for visualizada. “Perdido em um labirinto de imagens, o ser humano deste novo tempo habita um mundo construído por efeitos de representação, em que a realidade oferece fortes aparências” (POLISTCHUK, 2003, p. 144).

Instantaneamente, recebe-se a imagem da informação exposta. Não há escolha nessa obrigatoriedade de enxergar o que o emissor determina.

A temporalidade que nos rege hoje em dia é a do tempo de exposição: como na fotografia, quanto mais exposto à luz, mais sensibilizado se torna o negativo. Na imprensa e na televisão, a exposição pública continuada igualmente queima a cena. O jornal de ontem perdeu seu charme porque já está muito exposto; as notícias têm de se sobrepor umas às outras, pois o tempo de exposição as tornará muito rapidamente envelhecidas (MARCONDES FILHO, 2007, p. 7)

E o tempo, dessa forma, é composto pela volatilidade da informação. Por isso, antes de acabar de ler esta frase, o leitor poderá ser confundido com a veracidade ou a real utilização das palavras aqui expostas. É a compulsão por ler algo cada vez mais novo, mais estimulador, mais visual, mais interligado cria uma aura de insignificância para tudo aquilo que se propõe concretizar – no sentido de perenidade – em palavras.

Dessa forma, muito mais importante do que a imagem ou a palavra que a encerra será o receptor dessa unidade informativa que se propõe existir.

² Neste artigo, trata-se imagem em seu sentido estrito, ou seja, aquilo que apresenta uma relação de analogia, de semelhança (simbólica ou real); réplica, retrato, reflexo.

Entender quem é esse leitor na atual configuração social, política, cultural e, acima de tudo, tecnológica transforma o motivo do desejo de escrita.

Numa ousada comparação com a alegoria da caverna platônica, pode-se estabelecer que se lê hoje de acordo com o fogo disponível para refletir as letras que se colocam de fora para dentro. Seria possível afirmar que, de acordo com a intensidade desse fogo, a compreensibilidade do fato será proporcional. Daí o importante significado da imagem para a produção verbal. “As atividades que implicam o uso da língua representam, portanto, o campo em que, mais especificamente, se exercita a constituição mesma da espécie humana” (ANTUNES, 2007, p. 20).

Operacionalização da língua portuguesa

A língua falada por uma nação é um elemento que não pode ser desprezado, sobretudo se for vista como componente do patrimônio cultural e social daquela sociedade. “É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade” (ANTUNES, 2007, p. 22).

Quando esse objetivo simplista da língua não é alcançado, forma-se um grave problema de identidade nacional; afinal, o discurso, para ser útil, precisa ser operacionalizado. Seja ele prático ou não.

Dados recentemente divulgados mostraram que quase metade dos alunos concluintes de ensino médio tem rendimento escolar digno de um estudante que termina o ensino fundamental. Os números envolvem tanto estudantes de instituições privadas quanto de públicas. De acordo com o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), “eles não conseguem compreender o efeito de humor provocado por ambigüidade de palavras ou reconhecer diferentes opiniões em um mesmo texto” (TAKAHASHI, 2007).

Ora, esse patamar numérico vai além do alerta necessário para o poder público que gerencia a educação nacional. Logicamente, não comporta, neste artigo,

discutir as variáveis políticas e econômicas que levam a esse cenário. Mas, sim, abordar como a língua portuguesa, como ferramenta única da comunicação social, pode ser melhor trabalhada, já no âmbito do ensino superior, para que esse abismo lingüístico seja amenizado ou, até mesmo, eliminado.

É preciso, primeiramente, que todos os educadores compreendam a dimensão da língua portuguesa não como acervo de erros e de acertos e, sim, como arcabouço de comunicabilidade capaz de elevar a semântica dos termos a uma decisão de quem a recebe.

O texto, ao ser escrito e ao ser lido, traz uma gama de possibilidades lingüísticas e informativas que um escritor ou leitor do século passado não imaginaria. Assim, ao percorrer cada linha produzida, há uma efervescência de dados, informação e conhecimento, nessa ordem.

Porém, um público, como o identificado pelo Saeb, tem a característica básica de que, no emaranhado de informação com a qual se convive hoje, não dispõe de nenhuma profundidade sobre o que se propõe buscar. Assim, o resultado é sempre uma leitura rápida, sem referências de base. Isso acontece porque a maior parte das pessoas se preocupa com a informação simples e não se preocupa com seu contexto apresentado.

De acordo com RADFAHRER (2000, p.110), ao planejar um estímulo informativo, como um texto, é necessário levar em consideração três categorias de material informativo: dado, informação e conhecimento. Sua relação constrói um sistema de informação.

Os dados são estímulos básicos de uma informação. Se é sabido que o dia está ensolarado ou se a casa é verde, o receptor é capaz de armazená-lo por uma curta duração de tempo. Efemeramente, pode-se descartá-lo ou reutilizá-lo. Quando esse dado se torna relevante, ele se transforma em informação. Por isso, a técnica de processamento de dados é essa técnica de aglutinação de

estímulos. A informação é resultante de uma combinação de dados. Por sua importância, ela pode durar mais tempo na consciência humana.

Já o conhecimento se forma quando a informação é somada à bagagem de experiência e cultura pessoais e, a partir daí, passa a fazer parte delas. Experiências sensoriais, ideologia, religião, educação, valores são conjunto de informações aplicáveis em toda existência humana. Se a nova mensagem se encaixa nesses padrões, tem-se um aprendizado que vai gerar conhecimento.

Como todo falante da língua sabe dizer o que quer dizer, o que precisa dizer, é impensável estabelecer como parâmetro de correção as inúmeras normatizações impostas há séculos à estrutura gramatical da língua portuguesa. Mais lógico se faz observar – na emissão ou recepção – o grau de envolvimento que será construído em prol do objetivo final “conhecimento”, como foi dito acima.

A linguagem na ponta da língua. Tão fácil de falar e de entender. A linguagem na superfície estrelada das letras sabe lá o que quer dizer? Professor Carlos Góis, ele é quem sabe e vai desmatando o amazonas da minha ignorância. Figuras de gramática, esquipáticas atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me. Já esqueci a língua em que comia. Em que pedia para ir lá fora, em que levava e dava pontapé. A língua, breve língua entrecortada do namoro com a prima. O português são dois; o outro mistério (ANDRADE apud ANTUNES, 2007, p. 30)³.

O texto escrito se apresenta para o leitor como o cenário da interação entre quem quer dizer algo e quem quer compreender esse algo. Como numa relação dialógica – e diante da inevitável presença da mídia virtual que permeia as atuais e críticas discussões humanas –, há de existir um esforço intelectual tanto para dizer quanto para ouvir. Nesse ponto, destaca-se a grande batalha do emissor/receptor: elaborar propostas de sentido.

Como o discurso é, tão-somente, a reelaboração da realidade, seja ela ficcional ou não, cabe a cada um dos interlocutores vislumbrar a moldura que vai delimitar a questão do entendimento proposta. Aqui, entra a questão do saber,

³ ANDRADE, Carlos Drummond. *Esquecer para lembrar*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

verbo querido em Portugal por representar, além da sabedoria, o sabor das coisas. E só há sabor naquilo que é experimentado. Por isso, o texto precisa atingir o paladar do receptor, assim como o produtor dele terá mão firme em sua confecção.

Essa mão dupla do texto é configurada como concepção interacional:

Na concepção interacional (dialógica) da língua, consideram-se os sujeitos como atores / construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – constroem-se e são construídos no texto, considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos sujeitos da linguagem. Desse modo, há lugar, em todo texto, para uma enorme gama de implícitos, dos mais variados tipos, só detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação (KOCH, 2006, p. 26).

Assim, engana-se quem pensa que o entendimento do texto está na origem (emissor), no destinatário (receptor) ou, até mesmo, no meio que conduz a mensagem. A interação, por meio de troca codificada, é o palco da construção do sentido que as palavras ali expressas possam gerar. A leitura é uma atividade que precisa levar em conta as vivências do leitor. Em contrapartida, cabe a esse mesmo leitor um árduo trabalho de reconhecer-se na bagagem do escritor, o que o tira, categoricamente, de agente passivo.

Essa constatação de estratégias de entendimento da mensagem – entre elas, seleção, antecipação, inferência e verificação – só tem sentido quando há, claro, o propósito com que o texto é lido. E a dificuldade aparece, com mais veemência, quando, contemporaneamente, se disputam os estímulos informativos da palavra escrita com a potente convergência das mídias no mundo virtual. Assim, padroniza-se tudo, até mesmo a leitura dessa palavra que acabou de ler.

As tecnologias, assim como a invenção do relógio, impõem seu ritmo ao trabalho humano. O cronômetro racionalizou a existência, maquinizou as operações e as funções, fato que no taylorismo encontrou sua realização plena: homens trabalhando como máquinas, homens buscando se tornar máquinas, a cultura como maquinização da existência (MARCONDES FILHO, 2007, p. 6).

Não existe um leitor modelo. Assim como não se pode exigir um escritor modelo. Graças às diferenças humanas, a comunicação se reinventa diariamente. Nos últimos anos, essa explosão criativa ganhou uma forte aliada, a internet, que, nos últimos dez anos de existência doméstica, ainda nem aprendeu a engatinhar. Imagina-se o que ela não fará em sua adolescência?

Para isso, é dever educacional sentir essa evolução de abordagem do texto. O que as novas gerações estão fazendo em sala de aula já indica uma grande mudança cognitiva de tempos atrás. E vem provar, mais uma vez, que o texto, depois de produzido, ganha vida própria independente do seu autor.

Intercambiar o verbo se torna meta ousada para o ensino e a compreensão da produção da mensagem discursiva. As inferências construídas no processo de interação entre leitor e escritor inauguram uma evolução – como tantas outras que se mostram na história lingüística – no processo de construção de conhecimento, mas não um que dure pouco. O escritor mineiro Guimarães Rosa lapidou uma frase de autodefinição que dizia que “os políticos só pensam no momento. Eu sou um escritor, eu penso em eternidades”.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. Haverá vida após a internet? **Existo. Com** – Revista Eletrônica da Filocom. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/existocom/index.html>>. Acesso em 26 set. 2007.

POLISTCHUCK, Ilana. **Teorias da comunicação**: o pensamento e a prática da comunicação social. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

RADFAHRER, Luli. **Design/Web/Desing**. São Paulo: Market Press, 2000. 217p.

TAKAHASHI, Fábio. Alunos do 3º ano têm nota de 8ª série. **Folha de S. Paulo**, n. 28.670. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0110200701.htm>>. Acesso em 1 out. 2007.